

A FUNÇÃO  
DE ALGUMAS ALDEIAS DIFERENCIADAS  
NO NORDESTE TRASMONTANO

PARA UM ESTUDO DE HIERARQUIA  
DE DISTÂNCIAS

*OBJECTIVO E PLANO GERAL*

Em três aldeias do concelho de Vimioso — Carção, Argozelo e Campo de Víboras — uma parte importante da população vive do comércio. O tema do nosso trabalho foi a análise das funções destas aldeias na região.

O tipo de povoamento dominante na região é o de aldeias onde se aglomera uma população exclusivamente agrícola. Basta dizer que, no distrito de Bragança, 75 p. 100 da população activa ocupa-se na agricultura. Mas os contrastes são ainda mais elucidativos. Comparemos a estrutura da população activa na região com a de outras áreas do país. Representou-se numa curva cumulativa de *Lorenz* a distribuição da população activa empregada na agricultura em todos os distritos do continente (fig. 1). Os dados estatísticos referem-se a 1960<sup>(1)</sup>. Nos distritos de Lisboa, Porto, Braga e Aveiro concentram-se 46 p. 100 da população activa do continente. Veja-se o segmento 1 do diagrama. Apenas 23 p. 100 da população agrícola do continente se encontra naqueles distritos. O segmento 3 do mesmo diagrama inclui os distritos da Guarda, Bragança, Évora e Portalegre; correspondem-lhe cerca de 11 p. 100 da população activa e 18 p. 100 da população do continente que se ocupa na agricultura. O desequilíbrio agravou-se na última década devido ao processo cumulativo da emigração e do êxodo rural para as cidades da faixa costeira entre Lisboa e Porto.

---

<sup>(1)</sup> *Recenseamento Geral da População*, tomo v, vol. III, I. N. E.

Nestas aldeias de estrutura exclusivamente agrícola, o comércio da aldeia restringe-se, regra geral, a uma ou duas casas que vendem «de tudo», principalmente artigos de mercearia. As funções comerciais imediatamente acima daquelas que correspondem às limitadas necessidades quotidianas encontram-se fora da aldeia. Geralmente não são as vilas e cidades que as satisfazem. Na verdade, cidades e vilas

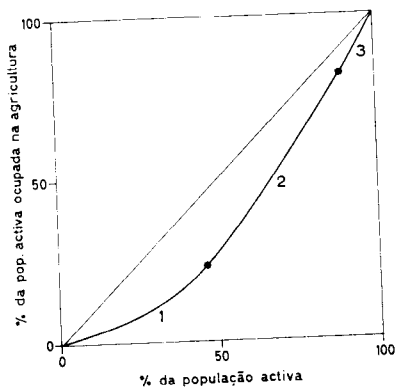


Fig. 1 — Curva de Lorenz relativa à distribuição da população activa empregada na agricultura em Portugal continental. Dados estatísticos por distrito (1960).

estão muito mais distantes da aldeia do que se poderia deduzir pelo simples exame de um mapa convencional de distâncias absolutas. As feiras de gado desempenham um papel importante na vida económica e social do Nordeste. A população rural frequenta mais assiduamente a feira de gado do que a vila ou a cidade. É na feira que se transacciona grande parte dos produtos locais e, em especial, o mais importante — o gado. Por outro lado, no recinto das tendas está à vista uma variedade enorme de artigos e as pessoas aproveitam para comprar o que lhes faz falta: artigos de vestuário, panos. «ouros», alfaias, produtos agrícolas, utensílios para casa, etc. Passeando em grupo pelo recinto da feira e, ao mesmo tempo, atentos à aproximação de um eventual comprador, os agricultores de várias aldeias trocam impressões acerca da lavoura e dos preços do gado. As feiras são para a região o centro de difusão das notícias do «que vai pelo mundo». As feiras realizam-se em aldeias, vilas e cidades. Compreende-se, portanto, que a afluência mais intensa à cidade se verifique quando há feira. Quer dizer, o pretexto para uma deslocação à cidade não foi a necessidade de utilizar o comércio e os serviços do centro urbano mas, principalmente, a feira.

Trata-se, portanto, de uma região onde dominam as aldeias exclusivamente agrícolas, e as feiras de gado repre-

sentam lugares centrais para funções de comércio e de convívio. Neste quadro geral destacam-se as aldeias referidas —

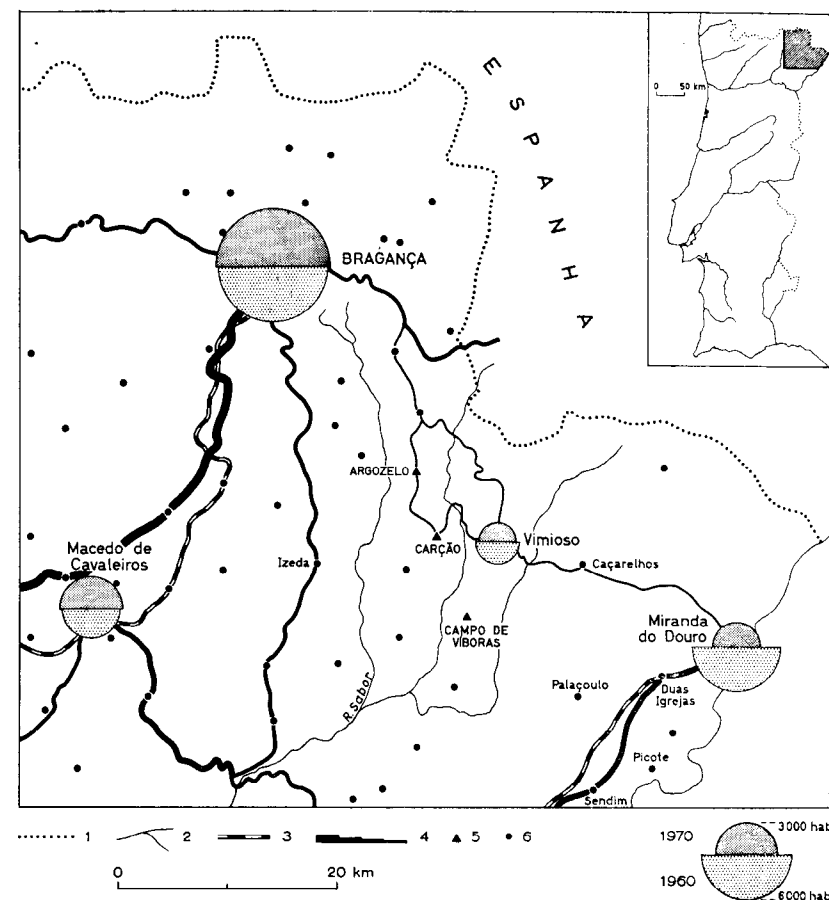


Fig. 2 — Mapa de localização. 1 — Fronteira; 2 — rios principais; 3 — linha de caminho-de-ferro; 4 — estradas principais (a grossura relativa corresponde à intensidade de tráfego); 5 — aldeias estudadas; 6 — aldeias com mais de 500 habitantes. Indica-se a população presente em 1960 e 1970 para as vilas de Macedo de Cavaleiros e Vimioso, sedes de concelho, para as cidades de Miranda do Douro e Bragança, respectivamente sedes de concelho e de distrito.

Carção, Argozelo e Campo de Vímoras. Têm, como já dissemos, uma estrutura distinta das aldeias da região. Não são, como estas, aglomerações de população rural. Nelas habita uma população comerciante. O nosso propósito não foi,

no entanto, o estudo monográfico das aldeias «singulares» na região. Partimos do princípio de que a estrutura das referidas aldeias denunciava relações também distintas. Quer dizer, admitimos que essas aldeias seriam centros de fluxos que as outras aldeias homogéneas não mantêm entre si. Que tipo de fluxos, de que intensidade e extensão? É preciso enquadrá-los na região, ou seja, em fluxos mais gerais, que resumimos em três aspectos: a hierarquia do povoamento e o papel das aldeias diferenciadas; as condições de acessibilidade e a relativa proximidade da cidade — Bragança; os problemas da agricultura, actividade predominante. A função daquelas aldeias diferenciadas, ou seja, a natureza de um tipo de fluxos será a seguir analisada (2).

*Hierarquia do povoamento.* — Das três aldeias estudadas, a única que apresenta uma função comercial servindo uma área exterior à própria aldeia é Carção.

Com a população de 1310 habitantes (3), Carção tem uma dimensão relativamente importante. Vejam-se os gráficos da figura 3, que representam a hierarquia do povoamento numa área dentro de um raio de 40 km à volta de Vimioso, respectivamente, em 1960 e 1970 (4). Verifique-se no gráfico referente a 1960 a posição da aldeia de Carção: muito próxima (em dimensão) da de Vimioso, que é sede de concelho. Além desta vila têm dimensão superior a Carção as aldeias de Duas Igrejas, Bemposta, Picote, Sendim e Argozelo, as vilas de Mogadouro e Macedo de Cavaleiros. Finalmente, as cidades de Miranda do Douro e Bragança. Aquelas aldeias, exceptuando Argozelo no concelho de Vimioso, encontram-se localizadas ao longo da linha de caminho-de-ferro que sobe do Douro até Miranda. De facto, Duas Igrejas é o término deste ramal ferroviário. Bemposta e Picote

(2) O estudo das aldeias foi feito com base em inquéritos directos efectuados em Setembro de 1968.

(3) População residente em 1960. X Recenseamento Geral da População, tomo I, vol. II, I. N. E.

(4) Utilizámos dados relativos à população «presente» para tornar possível a comparação com estatísticas referentes a 1970 (XI Recenseamento da População de 1970. Dados preliminares. I. N. E.). Não considerámos as aldeias com dimensão inferior a 400 habitantes.

exemplificam outro tipo de localização: são as aldeias-barragem entre a linha de caminho-de-ferro referida e o rio Douro. Dominam as aldeias de dimensão inferior a 800 habitantes. O gráfico relativo a 1970 revela um decréscimo geral da população e algumas alterações na hierarquia. Apenas

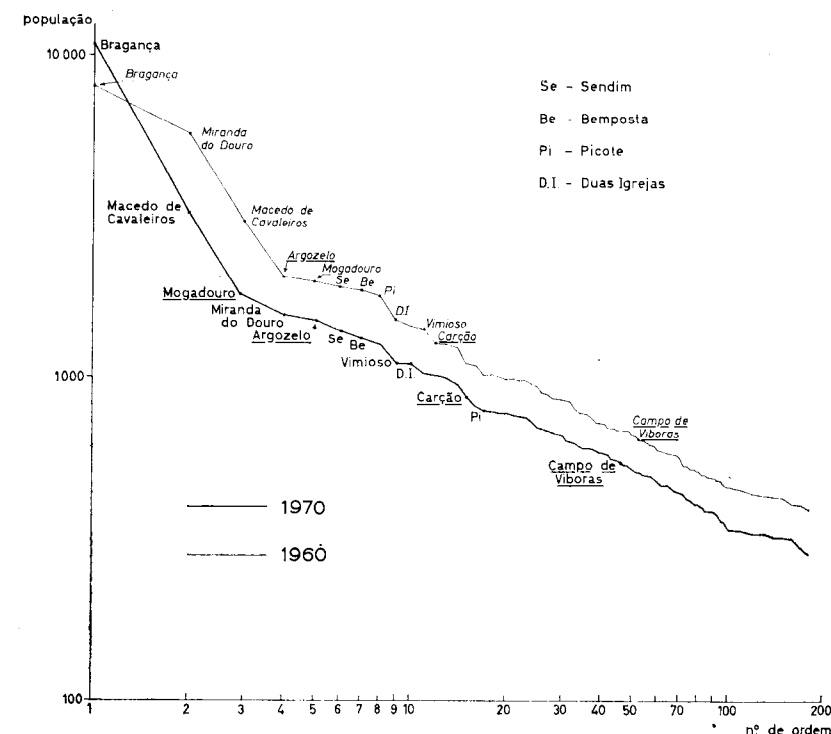


Fig. 3 — Hierarquia da distribuição da população em 1960 e 1970.

a cidade de Bragança e a vila de Macedo de Cavaleiros tiveram aumento de população (de 26 p. 100 e 5 p. 100, respectivamente). A cidade de Miranda do Douro e a aldeia de Picote apresentam uma forte diminuição de habitantes residentes (— 73 p. 100 e — 57 p. 100, respectivamente). Para a interpretação deste facto, deve-se ter em conta que aqueles lugares constituíam residências temporárias de uma população flutuante que trabalhava nas barragens. A vila de Mogadouro apresenta uma variação negativa da população que é, contudo, fraca em relação a outros lugares que tinham em 1960 uma dimensão semelhante (a aldeia de Argozelo,

por exemplo). Este facto explica a posição da vila de Mogadouro na hierarquia da dimensão populacional em 1970: imediatamente abaixo da vila de Macedo de Cavaleiros.

Como todos os gráficos de distribuição, o da hierarquia da dimensão dos lugares povoados levanta-nos problemas e sugere-nos hipóteses de trabalho. Qual é a distância entre aldeias exclusivamente rurais e os lugares com um variável grau de diversificação de funções que servem uma área exterior? Também nada sabemos de concreto e preciso quanto à relativa função das aldeias diferenciadas e da própria cidade na vida social e económica do Nordeste. Por outras palavras, qual é a hierarquia de funções dos lugares centrais de comércio e serviços no nordeste de Trás-os-Montes, a hierarquia que a população reconhece e utiliza?

*Condições de acessibilidade.* — Bragança é nó de transportes rodoviários e ferroviários do Nordeste Trasmontano. Foi, portanto, em relação a esta cidade que comparámos a relativa acessibilidade das três aldeias.

É evidente que o mapa das distâncias absolutas não servia o nosso propósito. Tentámos um método muito simples, que se limita a comparar distâncias-tempo de cada uma das aldeias a Bragança <sup>(\*)</sup>. Incluímos também como elemento de comparação a vila de Vimioso e a cidade de Miranda do Douro. As distâncias-tempo corrigiram as posições que aquelas aldeias apresentam num mapa convencional (fig. 4). A aldeia de Campo de Víboras, que não tem qualquer tipo de estrada que a ligue a Vimioso <sup>(\*\*)</sup>, apresenta-se, por isso, muito mais distante de Bragança do que, por exemplo, Carção, quando afinal apenas 7,2 km de distância absoluta separam as duas aldeias.

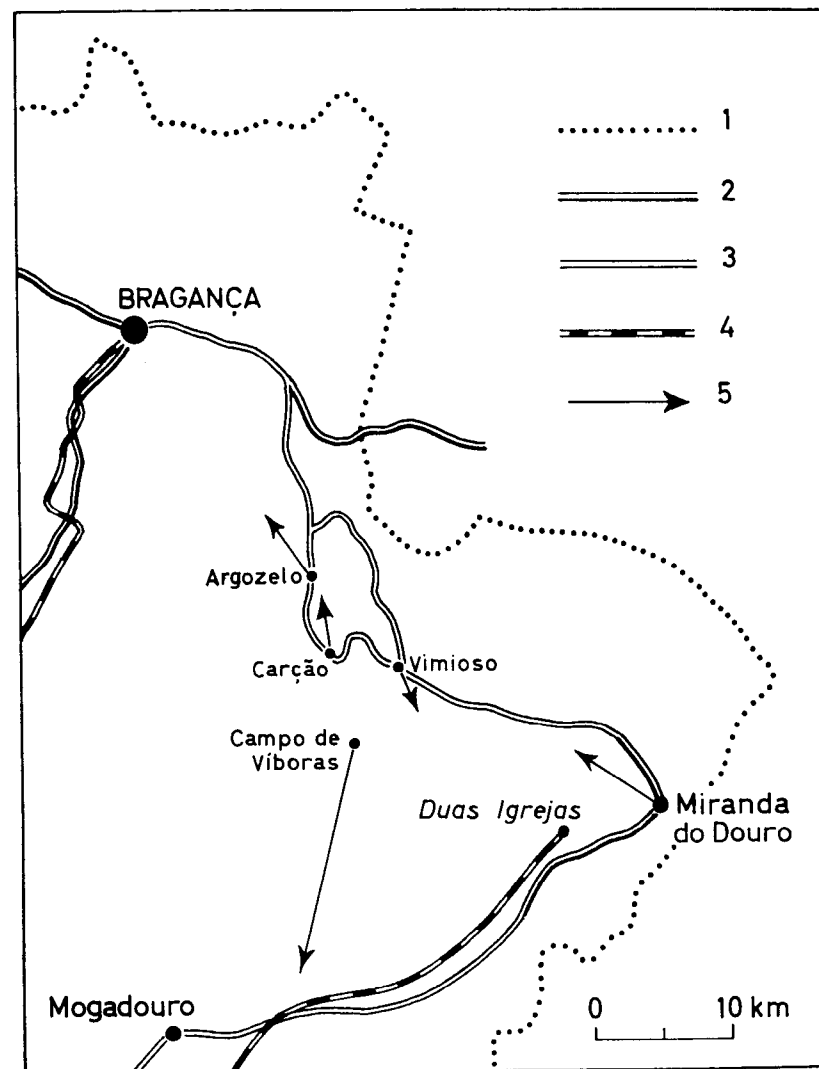


Fig. 4 — Posições relativas de lugares em função de distâncias-tempo a Bragança. 1 — Fronteira; 2 — estradas principais; 3 — estradas secundárias; 4 — linha de caminho-de-ferro; 5 — o extremo da seta representa a posição relativa do lugar considerando distâncias-tempo.

(\*) Acerca de «distâncias verdadeiras», veja-se W. BUNGE, «Theoretical Geography», *Lund Studies in Geography*, Ser. C, n.º 1, Lund, 1962, pp. 52-61 e 175; J. P. COLE, «Notes on distance and location in human Geography», *Ideas in Geography*, n.º 25, 1970, Nottingham; P. HAGGETT, *Locational Analysis in Human Geography*, London, 1965, p. 38.

(\*\*) A estrada entre Campo de Víboras e a vila de Vimioso foi construída em 1971. Contudo, porque a estrada é muito recente, os efeitos do isolamento são ainda evidentes.

*Os problemas da agricultura.* — Em traços gerais, a economia da região baseia-se no centeio, no trigo e no gado. Domina o tipo de pequena exploração (7): 70 p. 100 delas têm dimensão inferior a 10 ha, 25 p. 100 entre 10 ha e 20 ha. Além de pequenas, as explorações são constituídas por parcelas dispersas; em 55 p. 100 dos casos há uma dispersão por 3, 4 e 5 parcelas; 40 p. 100 das explorações dispersam-se por 6 a 10 parcelas. Quase toda a gente é possuidora de uma pequena leira de terra: 70 p. 100 do número total das explorações do concelho é explorado por conta própria. Os produtos comerciáveis das aldeias são principalmente o gado e o cereal. Este é vendido para a F. N. P. T. As crias são vendidas nas feiras da região e constituem o rendimento anual do lavrador, a moeda forte que distingue situações económicas entre os agricultores. O vinho produzido é, de uma maneira geral, destinado ao consumo. O pouco excedente de azeitona é vendido para áreas como Macedo de Cavaleiros, importante centro distribuidor, ou a reduzido número de comerciantes intermediários entre os pequenos produtores e os armazenistas.

*A variação da área cultivada no termo da aldeia.* — Interpreta-se em função de uma coordenada: a distância tempo-custo. Distância que se mede a partir do povoado, porque é este o centro de dispersão de mão-de-obra e do equipamento agrícola e de concentração dos produtos da colheita. Quer dizer, as deslocações fazem-se a partir ou em direcção à aldeia e, portanto, a localização das culturas varia conforme a distância tempo-custo ao povoado. Verifique-se a distinção mais aparente. Pegada ao povo a área de «renovos». Segue-se-lhe a da vinha ou a da oliveira. Depois os lameiros e o pão. Área de «renovos» quer dizer consecutiva e permanentemente ocupada: pela horta até Outubro; pela ferranha ou nabiga durante o Inverno. Dispensam-se a esta área cuidados permanentes e especiais: a terra é lavrada frequentemente para quebrar qualquer camada impermeável e é abundantemente estrumada. Os «renovos» são de utilização constante:

(7) Estatísticas referentes ao concelho de Vimioso. Fonte: *Inquérito às explorações agrícolas do Continente. III. Províncias do Minho, Trás-os-Montes, Alto Douro*, I. N. E., 1954.

forneem principalmente o penso do gado e a horta para consumo diário da casa. Muitas vezes, incluem ainda as «regadas». Estes minúsculos lameiros fornecem vários cortes de erva fresca pelo ano fora, razão por que não se destinam a produzir feno. Pelo contrário, o cereal nunca é cultivado nesta área, a não ser para verde, quer dizer, a ferranha (forragem de gado) que ocupa o solo apenas durante três ou quatro meses. A área de renovos localiza-se ao pé do povoado para que a distância tão frequentemente percorrida — entre a casa e a parcela cultivada — seja pequena. O contrário acontece com o cereal, cultura extensiva que ocupa a área da periferia do termo da aldeia. A partir de determinada distância não seria rendível a intensidade de cultivo, o que significa que a importância fundamental desta área de renovos não se avalia através da sua extensão horizontal. É preciso considerar a terceira dimensão (intensidade de cultivo e sucessão de rotações, quer dizer, de colheitas ao longo do ano). A mesma observação é válida para compreender o retalhamento extremo das parcelas — hortas, tapadas, cortinhas — onde a propriedade, o usufruto e a utilização são exclusivamente individuais.

Cultivado em regime de afolhamento bienal, o cereal é a cultura dominante em área. Exige mão-de-obra esporadicamente. Com efeito, esta área dá fruto uma vez por ano: em Julho ou Agosto, a actividade da população da aldeia concentra-se nas terras de pão para a faina colectiva da segada. As lavouras que a seara exigiu são bem espaçadas ao longo do ano. A utilização da folha em pousio, tal como a da cultivada, exige um mínimo de deslocações entre a aldeia e o campo. O gado (lanífero) pasta a ceto nos restolhos e estruma as terras que serão semeadas no ano imediato. Raramente se desloca à aldeia. Recolhe-se todas as noites nos currais levantados no meio da folha. A distância entre a aldeia e as terras de pão é, portanto, poucas vezes percorrida. Por outro lado, uma cultura extensiva tem que ocupar um espaço considerável. As extensões nuas de cereal localizam-se à distância máxima do povoado, ou seja, na periferia do termo da aldeia.

A variação da área cultivada segundo a distância tem, portanto, o sentido de uma hierarquia. Hierarquia que envolve vários aspectos fortemente correlacionados: densidade relativa de mão-de-obra, intensidade de ocupação, fragmentação e dispersão de propriedade.

Não quer dizer que se realize absolutamente este modelo. Ele resume a variação de factores gerais <sup>(8)</sup>. Aparecem distorções quando há um jogo entre a distância relativa e factores locais de diferenciação, dos quais o mais importante, na região, é o relevo. É por isso que qualquer pequena baixa ou «olga» é ocupada por lameiros formando como que um oásis isolado no meio dos plainos secos ou uma fita verde que ocupa o fundo do vale. Por outro lado, vale a pena distanciar ainda mais a área de cereal do que aproximá-la à custa do aproveitamento dos declives. Apesar disso, alguns foram arroteados e os mais íngremes estão ocupados pela oliveira ou pelo sobreiro.

Verifica-se o efeito do relevo (e das características climáticas correlativas) na distorção do modelo simples, baseado em distâncias relativas, se compararmos a utilização do espaço de aldeias da mesma região. Em Campo de Víboras, apertada entre dois vales fundos, as distorções ao modelo são mais flagrantes do que, por exemplo, em Carção, Argozelo ou Santulhão, situadas no interflúvio largo dos rios Sabor e Maças (fig. 2).

*O desmesurado crescimento da superfície do trigo e o equipamento deficiente da Lavoura.* — O rendimento do centeio tem vindo a reduzir-se cada vez mais. Por outro lado, o trigo tem a venda assegurada pela F. N. P. T. — razão mais forte da progressiva extensão da sua área à custa da do centeio, cereal dominante há vinte anos. No gráfico da figura 5 pode

<sup>(8)</sup> Veja-se a aplicação do modelo na interpretação da forma como está organizado o espaço rural em M. CHISHOLM, *Rural Settlement and Land use. An essay in location*, London, 1962; J. A. EVERSON and B. P. FITZ GERALD, «Parish Size and Shape», *Concepts in Geography, I. Settlement Patterns*, London, 1970. A importância do factor acessibilidade é geral para a interpretação do arranjo rural e urbano; veja-se P. HAGGETT, *Locational Analysis in Human Geography*, London, 1965.

verificar-se esta evolução <sup>(9)</sup>. Anteriormente a 1950, o aumento da superfície cultivada de trigo na área do concelho de Vimioso dera-se principalmente à custa do retrocesso da superfície do centeio. No mesmo período, a superfície ocupada pelos dois

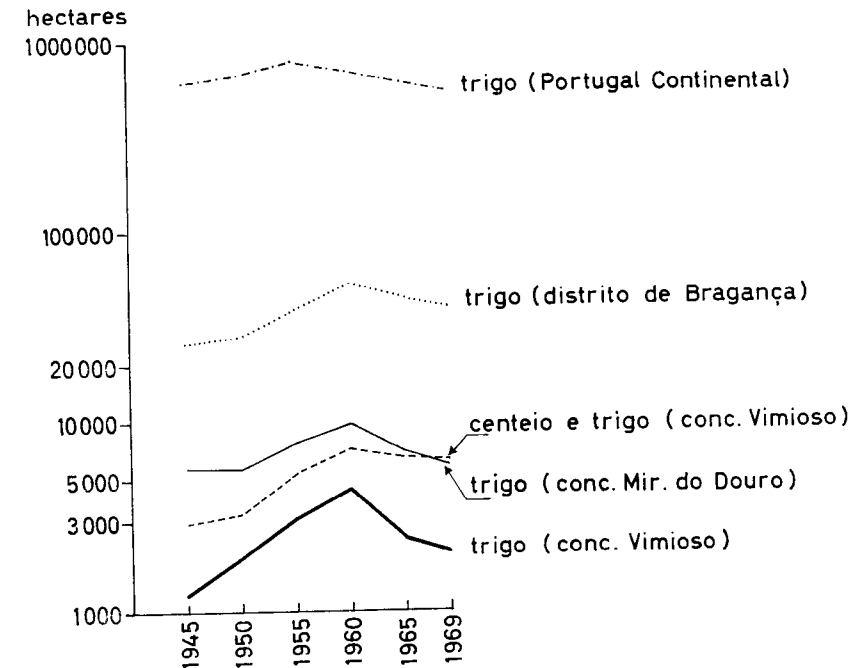


Fig. 5 — Evolução da superfície cultivada de cereais: de trigo nos concelhos de Miranda do Douro e Vimioso, no distrito de Bragança e em Portugal Continental; de trigo e centeio no concelho de Vimioso.

cereais fundamentais diminui ligeiramente. Ela apresenta, contudo, a partir de 1950, uma evolução paralela à da superfície cultivada do trigo. Últimamente observa-se uma redução brusca da cultura cerealífera, que se correlaciona com o surto de emigração — em crescimento a partir dos anos 60. Para termo

<sup>(9)</sup> Fonte: *Estatística Agrícola*, I. N. E. Anos 1945, 1950, 1955 e 1960; *Estatísticas Agrícolas e Alimentares*, I. N. E., 1965; *Estatísticas Agrícolas*, I. N. E., 1969.

de comparação, verificou-se também a evolução da superfície cultivada de trigo no concelho de Miranda e no distrito de Bragança. Em relação àquele concelho, 1960 marca também, como era de esperar, um ponto de inflexão. Contudo, o contraste entre os dois ritmos da evolução é menos vincado do que no concelho de Vimioso. A curva respeitante ao distrito de Bragança apresenta, como todas as médias, a desvantagem de ser demasiado afectada pelos extremos.

A lavoura conta exclusivamente com a tracção animal, quer dizer, o gado muar. Só a partir de meados da década de 50 é que em terras do planalto de Miranda se vem substituindo o gado vacum pelo gado muar como gado de lavoura. Em terras de Vimioso esta substituição generalizou-se mais cedo.

A única mecanização consiste na trilhadeira mecânica para o trigo, propriedade particular de dois ou três lavradores da aldeia, a que a restante população paga uma maquia de 7 p. 100. Se nalguns tractos de pão a agricultura poderia ser mecanizada, os magros rendimentos do lavrador não o permitem. Dois ou três grandes proprietários da aldeia terão tractor e é tudo, uma vez que o espírito cooperativo está completamente ausente.

O consumo de adubos químicos é reduzido e a adubação das terras é insuficiente. Baseia-se em grande parte no estrume de curral, espalhado nas vésperas da sementeira, e no estrume de gado ovino que, durante o ano, pasta na folha devoluta. O «gado» (gado, na região, significa o lanígero) só não é aproveitado para fazer estrume durante o Verão. De resto, desde Outubro que pasta nos restolhos.

*A criação de gado bovino dependente da contingência de produções locais.* — São as crias vendidas nas feiras da região que permitem ao lavrador a magra receita anual. E por isso merece a designação de lavrador apenas aquele que possui vacas.

A desigualdade económica lavrador/não lavrador é ainda sublinhada pelo facto de aquele dispor obrigatoriamente de uma área agrícola de especial qualidade: lameiros e cortinhas verdes.

Embora de importância fundamental, a criação de gado utiliza exclusivamente recursos agrícolas da aldeia. Por isso está estritamente sujeita a um calendário cíclico, numa região de longa estação seca e de Inverno rigoroso.

No Inverno, o gado vacum permanece estabulado durante um período mais ou menos longo, conforme o rigor da estação. Então, o gado alimenta-se à base de feno e palha. Estes produtos entretanto escasseiam... e as ferranhas e cevadas das cortinhas e hortas só são colhidas desde os fins de Março. As vacas vão para o lameiro, de Fevereiro a fins de Março, altura em que este é vedado ao gado para ser segado em Maio. Assim, o facto de dispor de maior área, ou seja, de grande número de lameiros, é o único elemento que faz variar as situações. O lavrador que tem bastantes lameiros pode-se permitir que uns sejam guardados para produzir feno, portanto, forragem de corte, enquanto que noutros, não aproveitados para tal fim, o gado pode, entretanto, pastar. Caso contrário, o lavrador não se pode dar a este luxo, correndo o risco de comprometer as reservas de forragem para o Inverno. Mesmo no primeiro caso, o estado ralo dos lameiros exige que a manutenção do gado seja ajudada com o penso (ferranhas e cevadas). No segundo caso, os animais contam exclusivamente com este tipo de alimento e são mandados para a eira que então fica vedada ao gado miúdo. Quando chega a colheita do pão, já as ferranhas se esgotaram e os lameiros estão segados. As vacas permanecem nos lameiros roendo os galhos de freixo e olmo. Aliás, as folhas destas árvores que orlam os lameiros contam também como forragem para o gado durante o Inverno e, por isso, os agricultores fazem delas grandes reservas. No Outono os lameiros têm erva renovada.

As feiras de gado — *Bolsa* da região — acusam o estado de estrita dependência. Em anos particularmente marcados por longa estação seca ou pelo Inverno demasiado longo e rigoroso, a situação do lavrador é dramática. Vê-se obrigado a vender as crias antes que a progressiva carência de alimento seja fatal para o gado.

Em conclusão: os problemas da agricultura resultam da fraqueza de uma organização regional. Foi um subsídio proteccionista que incentivou a desmesurada extensão do cereal.

A insistência em processos extensivos de cultura e a arroteia de terras em declive aceleraram o empobrecimento progressivo dos solos. Assim, o aumento da área do trigo e da produção bruta deste cereal tornam-se correlativos de uma sub-rendibilidade. A distância entre o custo do trabalho e dos produtos a investir na terra e o rendimento líquido da mesma ia-se tornando cada vez maior. Até ao ponto em que provocou o estado de pousio definitivo — vejam-se as terras «de adil» no termo da aldeia de Campo de Víboras (est. I, B).

Uma situação económica é um jogo. No caso do Nordeste, ele é extremamente limitado, traduzindo-se em marginalidade. Não há um programa de utilização do espaço com vista à industrialização e mercados. A hierarquia dos centros urbanos é defeituosa. Não permite incentivar a mobilidade espacial e sectorial da população, de forma a que o número das pessoas ocupadas em actividades primárias se reduza a favor dos sectores secundário e terciário. Houve apenas uma saída: o êxodo rural em direcção a Lisboa e às outras cidades do País e a emigração para o estrangeiro. Considerando apenas a estatística oficial do ano de 1967, a percentagem de emigrantes em relação ao saldo fisiológico no concelho de Vimioso era de 372. Para o distrito de Bragança e para o Continente as percentagens foram respectivamente de 183 e 81 <sup>(10)</sup>.

#### CARÇÃO. UM LUGAR CENTRAL DE COMÉRCIO

Carção apresenta uma dimensão populacional invulgar nas aldeias do Nordeste (fig. 3). Está relativamente perto de Bragança: a estrada mais curta que liga esta cidade à vila de Vimioso atravessa a aldeia, ou antes, a «Praça de Carção». Esta aldeia e aquela vila encontram-se à mesma distância absoluta de Bragança e, contudo, Carção está efectivamente mais perto da cidade do que a vila de Vimioso (fig. 4).

Surpreende-nos de entrada o aspecto da Praça de Carção: casas sem qualquer função rural, com primeiro e segundo andar, varandas e janelas de vidrinhos. Sugere-nos a presença de um grupo abastado que não nasceu nos nossos dias. O povo chama à «Praça» o bairro dos «judeus» (est. II, A). Quer isto

<sup>(10)</sup> *Boletim da Junta de Emigração*. Ministério do Interior, 1967.

dizer que ele reconhece na estrutura da aldeia dois grupos distintos: os lavradores e os «judeus», ou seja, os que vivem da lavoura e os que vivem do comércio. Este último grupo tem uma posição bem definida dentro da aldeia: uma actividade, um modo de vida e uma posição social. É através desta população comerciante que a aldeia tem uma função na região. Se o tema do nosso trabalho foi a posição da aldeia nos seus aspectos inter-relacionados, justifica-se assim que empregue-mos a designação de «judeus» no mesmo sentido com que o povo hoje a utiliza <sup>(11)</sup>.

*A importância regional da Praça de Carção.* — Um grupo numeroso de judeus é constituído por comerciantes ambulantes que, montados na mula, percorrem as aldeias do concelho de Vimioso e o planalto de Miranda a vender azeite, bacalhau, arroz, farinha e, com menor frequência, ovos, peixe e queijo (est. IV, A). O local de abastecimento deste comércio ambulante é a própria aldeia de Carção. O seu equipamento comercial é relativamente importante: quatro ou cinco casas de comércio «de tudo», localizadas na Praça. A afluência frequente de camionetas de mercearia e de peixe à Praça de Carção revela também o volume da actividade comercial da aldeia.

Os comerciantes ambulantes também se encontram particularmente ligados ao comércio do azeite. Os seus fornecedores habituais eram as aldeias do Sabor, especialmente Santulhão, Matela e Izeda. Nos últimos decénios, esta rede de abastecimento concentrou-se e os fornecedores do comércio ambulante de azeite são agora grandes comerciantes. São o grupo de armazenistas de Macedo de Cavaleiros, donos de um comércio variado, especialmente azeite; abastecem-nos as aldeias das margens do Sabor. Outro grupo é o dos grandes comerciantes de Carção, que não são, no entanto, grandes

<sup>(11)</sup> Dão-nos informações sobre a antiguidade de uma população judaica ocupada em ofícios: FRANCISCO MANUEL ALVES, reitor de Baçal, *Memórias Arqueológicas do Distrito de Bragança*, vol. V, Coimbra, 1925; F. M. ALVES e A. MARTINS AMADO VIMIOSO, *Notas Monográficas*, Coimbra, 1968; J. L. DE VASCONCELLOS, *Etnografia Portuguesa*, vol. V, Lisboa, 1967. O nosso ponto de vista, no entanto, foi o do significado sócio-económico de um grupo.



produtores de azeite. Compram-no aos pequenos agricultores e, por outro lado, como são donos da prensa da aldeia, as maquinas permitem-lhes engrossar a colheita. Estes grandes comerciantes de Carção são, portanto, fornecedores dos azeiteiros, por um lado, e dos grandes armazenistas de Macedo de Cavaleiros, por outro.

A espaçosa Praça é um dos traços mais caracteristicamente definidores de Carção. O bulício da chegada das camionetas ou dos carros dos caixeiros viajantes que se deslocam a Bragança, passando por Carção e Argozelo, o passo lento das pessoas rondando as tabernas e o «café» retratam uma praça comercial. É local de trânsito para os fornecedores das lojas de comércio da aldeia. Mas a Praça não serve apenas a sua numerosa população local. A ela ocorrem as pessoas das aldeias vizinhas que vêm fazer compras; dela irradiam os azeiteiros que vão vender os produtos por uma vasta área de clientes consumidores: desde as aldeias em redor até às aldeias do planalto onde a camioneta não chega.

A actividade comercial de Carção é antiga. Quando o Nordeste Trasmontano não tinha sequer as poucas estradas de hoje, e mesmo anteriormente ao caminho-de-ferro, os comerciantes de Carção iam até ao Pinhão, onde deixavam as mulas. Daí iam ao Porto fazer compras e regressavam à aldeia com os carros carregados de mercadoria. A memória dos actuais azeiteiros está povoada de histórias, ouvidas aos pais e avós, que relatam morosas viagens e carregamentos que periódicamente chegavam à aldeia. Os comerciantes passavam todo o ano nestas viagens e só vinham três a quatro vezes por ano a casa. A mercadoria trazida para a aldeia era vendida a retalho aos pequenos azeiteiros que, montados na mula, a iam revender a outras aldeias do distrito de Bragança. Com a penetração do caminho-de-ferro em Trás-os-Montes, o local de abastecimento dos comerciantes por grosso de Carção passou a estar mais perto: Bragança ou Macedo de Cavaleiros. Depois veio a estrada. Hoje as camionetas trazem a Carção a mercadoria e os grossistas da aldeia decaíram. Uns saíram para o Brasil ou para as cidades como Lisboa, Porto, Bragança; dos que se mantiveram comerciantes (grossistas) a maioria deslocou-se para Macedo de Cavaleiros, particularmente os grossistas de cereais, azeite

e lã. Os grossistas de solas e cabedais dispersaram-se mais. Hoje são dois armazéns de solas e cabedais do Porto, mas gente de Carção, que fornecem os sapateiros da aldeia. Macedo de Cavaleiros era um posto central de colecta e de redistribuição de produtos. Com o caminho-de-ferro as condições para lugar central de actividade grossista acentuaram-se. Actualmente, a concentração de grossistas de Carção em Macedo é considerável, localizando-se a maior parte deles na Rua da Estação. São reconhecidos ainda hoje como um grupo distinto da população de Macedo e, contudo, muitos são os que já lá nasceram. «Para cá do Marão mandam os que cá estão. Menos em Macedo onde mandam os de Carção».

Permaneceram na aldeia meia dúzia de grossistas que souberam adaptar-se. Os seus herdeiros são hoje os donos das lojas de comércio da Praça. A decadência dos azeiteiros foi menos brusca, visto que a sua função ainda tem razões para persistir. É preciso considerar as condições de acessibilidade, a estrutura das aldeias e as relações cidade-campo no Nordeste Trasmontano para situar o papel do comércio ambulante num mundo rural à margem da vida de relação. Contudo, é uma actividade adaptada que se apresenta cada vez menos lucrativa. Mantém-se porque os azeiteiros não podem trocar este modo de vida pelo outro — a lavoura.

Com a evolução dos meios de transporte, a vida comercial de Carção reduziu-se. Como era de esperar, os grossistas foram os mais sensíveis a esta evolução. É por isso que o povo diz que «hoje já não há judeus». Referem-se aos grandes comerciantes que deixaram a aldeia, aos donos das prestigiosas casas da Praça, construídas no princípio do século. Elas atestam a importância de um grupo e a função comercial da aldeia. Entretanto, a posição de Carção alterou-se, mas permanece, contudo, como lugar central de funções comerciais para uma vasta área.

*A estrutura da aldeia.* — Vimos que a Praça tem uma função comercial na região. Ela não podia deixar de ser «bairro» distinto dentro da aldeia. Com efeito, há um absoluto contraste entre a Praça e o Bairro de Cima, ou seja, entre o bairro dos judeus e o dos lavradores.

No Bairro de Cima, apinhado sobre a rocha, a variedade de casas é grande (est. II, B; III, A, B). Desde as habitações mais simples — a casa com a porta da loja do porco debaixo da escada — até à casa de varanda com alpendre e grandes portadas que escondem várias lojas de gado. Se a variedade de tipos de casa rural atesta diferenças de fortuna entre os lavradores, o contraste entre a Praça e o resto da aldeia denuncia dois tipos distintos de viver: o comerciante e o agricultor. Também na aldeia se sente o contraste entre os vagares do azeiteiro regressado a casa — pequenos grupos discutindo negócios deixam-se ficar pela Praça — e o dia-a-dia programado e silencioso do lavrador. Com efeito, os judeus não têm lavoura. Quer isto dizer que vão fabricando apenas uma jeirinha para obter palha para a mula e estrume para a cortinha donde colhem horta e um pouco de pão para os gastos de casa. Muitas vezes colhem o pão na leira do vizinho que recebe, em troca, a terra estrumada para a sua sementeira. Outras vezes, pedem emprestada a mula a outro azeiteiro, para que a parilha possa arar um exíguo pedaço de terra. Como diz o povo, o judeu não pega na enxada, quer dizer, não faz da terra o seu modo de viver. Procura apenas obter dela um mínimo para comer durante o ano e vive do comércio.

Persistem hoje os vendedores ambulantes. Para se fazer uma ideia da importância relativa do grupo dentro da aldeia, procedemos em Agosto de 1968 a um inquérito directo. A aldeia tinha 358 fogos, segundo o censo de 1960. O inquérito abrangeu apenas 264 fogos. Cerca de 27 p. 100 eram tidos como «judeus». Destes, 50 p. 100 eram vendedores ambulantes, tanto azeiteiros como comerciantes de peixe, ovos, fruta, etc., sendo os restantes artífices (sapateiros ferreiros, carpinteiros, albardeiros, ferradores, alfaiate, barbeiro). Com efeito, o grupo de artífices é relativamente numeroso. Satisfazem a população local e a das aldeias vizinhas que frequentemente vêm fazer compras a Carção. Os seus produtos são também vendidos nas feiras regionais.

Os agricultores correspondiam a 45 p. 100 da população da aldeia, dos quais pouco menos de um terço eram lavradores de vacas; os restantes lavram com mulas, jumentos ou machos.

Os senhores da aldeia são meia dúzia de grandes negociantes. Herdeiros do comércio dos pais — as casas da Praça —, foram-se tornando progressivamente donos de vastas propriedades rurais. É nestas que se observa o único sinal de mecanização e, por outro lado, são trabalhadas por jeirantes ou gente sem terra que habita a aldeia. O comércio da aldeia — quatro grandes casas — e as únicas indústrias agrícolas — duas prensas hidráulicas e uma moagem — pertencem a indivíduos deste sector da população. Já atrás fizemos referência ao facto de a propriedade destas indústrias agrícolas favorecer a concentração da actividade comercial grossista de Carção.

O grupo de jeirantes na aldeia é, de facto, numeroso. Corresponde a cerca de 20 p. 100 da população total da aldeia. A grande maioria dos jeirantes utiliza terras a meias ou «pelo estrume». Mas vivem essencialmente da jeira: os grandes senhores de Carção e os proprietários da vila — Vimioso — dão-lhes trabalho todo o ano. No Verão formam grupos de segadores. Descem a Mirandela para fazer a segada na última semana de Maio. Em Junho, voltam à aldeia para colher o pão e vão segar para as aldeias vizinhas. Em Julho, deslocam-se a terras de Miranda. Dantes, deslocavam-se também a Alcañices e Zamora (Espanha). Há uns anos para cá, o número dos grupos e o percurso tem-se reduzido, visto que os jeirantes constituem a maioria dos imigrados em França.

A segregação entre agricultores e azeiteiros era completa há apenas quarenta anos: bairros distintos, casamentos exclusivos dentro do grupo, forte animosidade entre uns e outros. Só de há vinte anos para cá é que se vão tolerando os casamentos entre elementos dos dois grupos. Não deixam de dar azo a galhofa, manifestações jocosas e cortejos barulhentos, com chocalhos, por parte da rapaziada judia, dirigidos ao noivo que casou com uma filha de lavrador.

O lavrador significa para o judeu uma actividade rotineira, penosa e inferior. Não falando já do grossista, o nível económico do azeiteiro era então superior ao do lavrador. Acrescentava-se ainda o prestígio de uma «actividade mental» que permitia ter lucros, ver outras terras e ter largas férias. O lavrador sentia a sua posição como inferiorizante em relação àqueles que viviam do negócio, da «cabeça». Os nomes das

ruas transversais à Praça lembram o prestígio dos grandes judeus que saíram da aldeia.

Hoje, a distância económica entre o azeiteiro e o lavrador não existe. Contudo, a sua separação é forte, se não progressiva. O preconceito de oposição de uma vida rotineira e dura à da «actividade mental», que é o comércio ou ofício, mantém-se. Mas, mais do que isso, os judeus ambicionaram outro estrato social e os filhos estudam. Há cerca de 50 estudantes na aldeia, filhos de judeus. Frequentam a Universidade de Coimbra, uns, outros o Magistério, e os cursos técnicos em menor número. Regressados a casa em Agosto, os estudantes constituem um grupo. Mesmo quando hoje judeus e lavradores não estão distanciados pelo rendimento económico, mas pelo significado social de um modo de vida, a segregação dos filhos — uns estudados, outros continuadores da vida de lavoura dos pais — reforça a segregação. São grupos distintos que nas suas relações se ignoram mutuamente. A Senhora das Graças, no mês de Agosto, é uma festa de judeus: deve-se à iniciativa e organização dos estudantes; conta com avultadas contribuições dos judeus, principalmente daqueles que hoje se encontram no Brasil ou em qualquer cidade do País.

*Perspectivas de alteração da estrutura da aldeia.* — Estimou-se em 200 o número de emigrados que estavam fora de fronteiras, especialmente em França <sup>(12)</sup>. São principalmente jeirantes, lavradores que deixam a sua casa entregue à mulher e filhos e, em número reduzido, os azeiteiros de pequeno comércio, cada vez mais incerto.

Os emigrantes vêm a casa em Agosto e pelo Natal. Com o dinheiro que trazem compram casas. O fenómeno é vulgar em aldeias portuguesas: vão surgindo grupos de casas novas, bairros de «franceses», na periferia da aldeia. Mas, a área construída de Carção não cresce por este processo tentacular. Os «franceses» querem comprar as boas casas do centro da aldeia e é assim que «os lavradores já se vão chegando à Praça». Quando os «franceses» partem, depois das férias de Verão, espera-se um ano para outra oportunidade de venda.

<sup>(12)</sup> Estimativa feita em 1968.

Toda a gente sabe que há uma única época do ano em que é possível obter um bom preço pela sua propriedade. O dinheiro permitiu aos lavradores comprar casas que ocupam dentro da aldeia uma antiga e importante posição central: a Praça. É o atestado mais imediato de uma ascensão. Uma pergunta fica suspensa. Em que medida é que o desejo de equiparação vai mais longe? Psicologicamente, o exemplo que têm na própria aldeia — os estudantes que reforçam a distância entre dois grupos — seria um incentivo. Contudo, os exemplos são ainda insignificantes para tentar qualquer conclusão.

#### *ARGOZELO. UMA INDÚSTRIA LOCAL*

Argozelo encontra-se a 8 km de Carção. Tal como esta aldeia, é atravessada pela estrada de Vimioso a Bragança (fig. 4).

O tipo de actividade comercial que caracteriza Argozelo é distinto do de Carção: comércio de peles. É uma actividade tradicional da aldeia <sup>(13)</sup>. Comerciantes ambulantes partiam de Argozelo montados na mula e percorriam as aldeias do distrito à procura de peles. Regressavam a Argozelo com as mulas carregadas. Aí vendiam as peles a grossistas ou a curtidores. Estes vendiam-nas, depois de curtidas, àqueles; outras vezes, o grossista era cliente dos curtidores a quem pagava um tanto pelo trabalho de curtir a sua mercadoria. De qualquer maneira, as peles, depois de tratadas, acabavam por concentrar-se nas mãos dos grossistas da aldeia. Estes vendiam-nas para o Porto e Guimarães. Os carros que transportavam as peles para o Porto regressavam carregados de mercadoria (mercearia, panos, solas, cabedais) que fornecia os «comércios» da aldeia, propriedade dos grossistas já referidos.

Quer dizer que, por intermédio de um grande número de comerciantes ambulantes, Argozelo era um centro receptor de uma matéria-prima — peles — que se destinava aos centros industriais do Norte do País. Esta actividade comercial envolvia uma população distinta dentro da aldeia: compradores ambulantes, curtidores, grossistas. Eram os «judeus».

<sup>(13)</sup> F. MANUEL ALVES, J. L. DE VASCONCELLOS, F. MANUEL ALVES e A. MARTINS AMADO, obras citadas.

A indústria local de curtimento permitia uma primeira preparação às peles que se destinavam aos centros industriais. Por outro lado, fornecia produtos para consumo local ou regional. De facto, o número de artífices na aldeia era considerável. Vendiam molidas, socos, cornais, tamoeiros e cilhas nas feiras da região. Portanto, só valia a pena «acabar» de curtir em Argozelo as peles que se destinavam ao consumo local ou regional. Note-se, por outro lado, a importância de que se reveste a feira: o artífice vai aí vender os seus produtos, aproveita para entrar em contacto com habituais fornecedores e regressa a casa com as mulas carregadas de peles.

Os subprodutos da indústria da curtimenta eram também aproveitados: os carnazes saídos das peles eram enviados para as fábricas de cola do Porto, S. João da Madeira e Mira de Aire.

*Estado actual do comércio de peles.* — Há aproximadamente 50 anos havia perto de 150 pessoas a curtir, entre curtidores e jeirantes que trabalhavam por conta daqueles. Há 35 anos a indústria da curtimenta desapareceu completamente. Hoje as «fábricas» estão em ruínas, as tinhas de curtimenta cheias de erva (est. IV, B). Contudo, persiste o comércio de peles e Argozelo continua a fornecer centros industriais de curtimenta. O aparecimento da estrada exigiu nova adaptação ao comércio de Argozelo. Grande número de peliqueiros que até então saíam periodicamente de Argozelo para regressarem, passados meses, carregados de peles, deixaram de residir na aldeia. Dispersaram-se por aldeias dos distritos de Bragança e da Guarda, que passaram a funcionar como subcentros de comércio das peles. Quer dizer, os peliqueiros negociam numa área de pequeno raio à volta da sua nova morada. Assim, a distância entre a residência do peliqueiro e a dos clientes é pequena e pode ser percorrida muito frequentemente. Trata-se de uma situação completamente distinta da anterior em que havia deslocções mais morosas, que tinham como ponto de partida e de chegada Argozelo. As aldeias — nova residência de peliqueiros — funcionam como subcentros em relação a Argozelo: a camioneta do grossista percorre periodicamente aquelas aldeias que o fornecem. Regressado a

Argozelo, o grossista encontra outra carga de peles trazida por aqueles peliqueiros que não deixaram a aldeia. Quer dizer, Argozelo continua a ser, embora em menor grau, centralizadora do comércio das peles. O próprio grossista transporta-as de camioneta para o Porto ou para Lisboa (Sacavém, Pombais, Alcanena) (est. VII, A e B).

Mantêm-se hoje na aldeia cinco armazenistas de peles. Alguns destes vivem na cidade que está perto — Bragança. Vêm à aldeia apenas para combinar negócios com os peliqueiros, para reunir a mercadoria ou para recrutar pessoal jeirante para a lavoura das suas propriedades. Outros comerciantes adaptaram o seu negócio. São meia dúzia de grossistas de mercearia abastecidos pelas camionetas diárias. Alguns são também comerciantes de materiais de construção. É hoje um negócio rendoso. Servida por estrada, Argozelo está perto dos seus clientes: os «franceses» que constroem casas novas nas aldeias donde emigraram.

O número de grossistas de peles reduziu-se e os peliqueiros dispersaram-se de forma a garantir uma maior rendibilidade das distâncias percorridas no seu comércio ambulante. Contudo, reside ainda na aldeia um número considerável de peliqueiros. Segundo um inquérito directo que fizemos em 1968 e que abrangeu 345 dos 540 fogos (censo de 1960), 10 p. 100 dos chefes de família eram peliqueiros; outros 5 p. 100 eram vendedores ambulantes de artigos vários. Com efeito, hoje os peliqueiros dedicam-se ao comércio, não só de peles mas de tudo o que lhes vier às mãos e puder render «umas coroas». Dentro de uma actividade que é a única que podem ter — o comércio ambulante — procuram a maior adaptabilidade. Estão sempre atentos a qualquer possível transacção, seja de que artigo for, desde que haja um cliente interessado. Qualquer transporte de mercadorias feito pelo peliqueiro é uma transacção: compra o artigo, transporta-o e vende-o com lucro na outra aldeia vizinha.

O grupo de artífices é ainda importante: sapateiros, albardeiros, ferreiros, trolhas. Correspondem a 12 p. 100 do número total dos fogos inquiridos. Por isso, facilmente se deduz que a sua função ultrapassa os limites da aldeia-residência.

A planta de Argozelo reflecte a existência de uma população distinta: os judeus ligados à actividade comercial de peles. O Bairro de Baixo, que confina com as fábricas e tinhas de curtimenta, localizadas ao longo do ribeiro, é o bairro dos judeus; o Bairro de Cima é o bairro dos lavradores. Separa-os a estrada que atravessa a aldeia em direcção a Bragança. Nesta via central encontram-se os comércios, os armazéns grossistas.

Dissemos que os carros que iam ao Porto levar as peles não regressavam vazios. Transportavam a mercadoria que fornecia os armazéns dos grossistas da aldeia. Contudo, este comércio de mercearia, para consumo local ou regional, nunca representou mais do que um complemento na actividade grossista. Ele serve apenas uma área de pequeno raio à volta de Argozelo. Argozelo nunca foi uma praça comercial de função distribuidora como Carção. O papel regional das duas aldeias não é comparável.

#### *CAMPO DE VÍBORAS. UMA ALDEIA ISOLADA*

Venda ambulante de panos é o tipo de comércio a que se dedica parte da população de Campo de Víboras. Os tendeiros deslocavam-se de mula através das feiras do distrito; servem-se hoje do automóvel, percorrendo o País até ao Algarve. O tipo de mercadoria passou a ser aquele que satisfaz uma clientela de cidade ou de vila: do riscado passou aos lençóis de Guimarães, aos atoalhados e toalhas de renda de Veneza e bordados da Madeira.

Numa rua-eixo da aldeia de Campo de Víboras alinham-se casas urbanas, modernas, construídas nos últimos seis a dez anos. Estão completamente silenciosas. Estas casas são propriedade dos tendeiros mais prósperos da terra. Muitas outras casas, estas de fachada tipicamente rural, pertencem também a uma população tendeira ausente. Não admira, portanto, que a aldeia tenha habitualmente um ar adormecido, uma vez que essa população comerciante corresponde a cerca de 40 p. 100 do número total dos fogos <sup>(14)</sup> e que só a

<sup>(14)</sup> Estimativa feita em 1968.

habita quando vem a férias, três vezes por ano: pelo Natal, na Páscoa e em Agosto (est. VIII, A e B).

Encurralada no interflúvio Angueira-Maçãs, só a partir de 1971 Campo de Víboras passou a dispor de estrada que a ligue ao núcleo populacional mais próximo, a vila de Vimioso. Até então existia apenas um caminho trilhado que subia e descia campos de restolho, evitando um ou outro troço pedregoso e empapado. Não admira, portanto, que Campo de Víboras estivesse muito distante (distância-tempo relativa) de Bragança ou mesmo de Vimioso (fig. 4). Por isso, a vida de relação da gente que habita a aldeia é muito restrita. No tempo da apanha da azeitona as camionetas de Macedo vêm comprá-la à aldeia. Uma vez por semana um homem de Carção vem vender «charro podre», como diz o povo. De facto, a mula vai a toda a parte. Periódicamente, passa também o peliqueiro de Argozelo. Ele é particularmente assíduo em Agosto. Então, os tendeiros vieram a casa, de férias, e a população do Campo atingiu o máximo. Ao judeu de Argozelo cheira-lhe a negócio forte de peles dos animais mortos para a grande festa do ano. Os habitantes do Campo vão frequentemente a Vimioso. Nunca deixam de ir em dia de feira. No entanto, para vender as crias, as feiras mais atraentes são Palaçoulo e Caçarelhos em terras de Miranda.

*Um tipo de comércio recente.* — Se considerarmos que desde há muito tempo os tendeiros da aldeia se dedicavam ao negócio ambulante de «cobertores, mantas, colchas, tapetes de lã», «produtos de uma indústria caseira» <sup>(15)</sup>, concluímos que a actividade comercial de Campo de Víboras tem uma longa tradição. Montados na mula percorriam as feiras do distrito. Muitos deles arranjaram o pecúlio suficiente para emigrar. O aspecto das «casas da serra», velho bairro de tendeiros, hoje abandonado, permite-nos pensar que se tratava de uma actividade pouco compensadora (est. IX, A).

Há quinze ou vinte anos os tendeiros passaram a utilizar o automóvel. Houve necessidade de adaptação à crescente facilidade de transportes e de entrar no jogo de competição.

<sup>(15)</sup> F. MANUEL ALVES, J. LEITE DE VASCONCELLOS, F. MANUEL ALVES e A. MARTINS AMADO, obras citadas.

Quer dizer, alargar a clientela, penetrar em vilas e cidades, diversificar o material negociável. Os tendeiros desinteressaram-se progressivamente pelas terras de lavoura que os obrigavam a vir a casa frequentemente e a pagar elevadas jeiras aos «camaradas» de Carção para que estes lhes apressassem a segada. Por isso, desfazem-se das terras ou arrendam-nas. Também os filhos de agricultores vendem as suas propriedades para se iniciarem esperançadamente no comércio. Acentua-se o divórcio entre a actividade tendeira e a agricultura. Com efeito, há uma forte correlação entre duas tendências: redução da superfície cultivada e aumento do número de tendeiros. A área de cultura abandonada localiza-se nos declives. São terras que tinham sido arroteadas de cereal e onde as limitações do solo se foram agravando. O ingresso de agricultores na actividade da «tenda» progrediu e, das terras destes, os melhores bocados foram arrendados aos que permaneceram na lavoura. Foi, portanto, preciso sair gente para que houvesse uma selecção de terras a manter produtivas. Esta selecção obedeceu a dois factores: a distância à aldeia e o declive. Entretanto, as terras abandonadas e outras que se mantêm cultivadas, áreas que teriam como única utilidade e correcção o repovoamento florestal, permanecem sujeitas a uma poderosa erosão.

Os lucros do negócio da «tenda» são empatados em imóveis urbanos nas cidades onde os tendeiros têm mais contactos — Bragança ou Coimbra — ou na capital, se o lucro é mais avultado. É o caso dos «milionários» do Campo, meia dúzia de comerciantes que possui prédios no Areeiro.

Em resumo, a actividade comercial de Campo de Víboras assume características completamente novas: o divórcio entre a «tenda» e a «lavoura» é hoje completo, descontadas raras excepções; e o carácter exclusivo daquela actividade é de há quinze anos o máximo. Testemunham esta modernidade: por um lado, a existência de um novo bairro de tendeiros; por outro lado, o facto de se processar hoje o aumento do número de tendeiros.

A actividade comercial nunca teve quaisquer repercussões na função da aldeia. Campo de Víboras era residência de tendeiros ambulantes que, através das feiras, serviam uma clientela regional. Os tendeiros hoje afastaram-se da sua

região, quer dizer, negociam em artigos que interessam a uma clientela urbana de norte a sul do País. A actividade comercial confina-se ao modo de vida de uma população que periodicamente «vai a casa», quer dizer, a Campo de Víboras.

*Tendeiros e lavradores.* — Agosto é a época do ano em que invariavelmente todos os tendeiros vêm à aldeia à festa anual. Foi, por isso, uma das alturas que escolhemos para conhecer a população.

Todos os dias chegam carros. Há grande alvoroço, abraçam-se pessoas que não se vêem há um ano, pergunta-se pela família e pela vida. A aldeia respira um bulício desusado. Até lá estão os caixeiros viajantes do Porto, certos de que é a altura em que encontram os tendeiros com quem têm que arrumar negócios.

É durante os dias que antecedem as festas que nos é permitido assistir às relações entre duas populações distintas dentro da aldeia. Devem-se aos tendeiros os melhoramentos da aldeia, a restauração da igreja, a banda que vem do Minho animar os dias de festa. Nestes dias a aldeia tem a sua máxima população. Por isso, os casamentos e baptizados sucedem-se e causam sensação. Pelo adro da igreja descansa e cavaqueia gente que está de férias. Galhofam e riem com condescendência do barulho dos carros que trazem as reservas de mato do lavrador ou brincam com as vacas que regressam a casa, fugindo às horas de intenso calor no lameiro. Enfim, os tendeiros vieram a casa, descansam e preparam a festa enquanto a vida de lavoura da restante população continua.

Há um grande desnível económico entre tendeiros e agricultores que é, contudo, recente: reflecte-se no tipo urbano da casa da aldeia, no aparato do interior daquela, na maneira de vestir e de gastar, no prédio da cidade.

Fala-se de uma rivalidade antiga entre tendeiros e gente da lavoura. Era uma desonra para uma casa de lavrador se a filha casasse com um tendeiro. Hoje esta animosidade está adormecida. Geralmente os filhos de tendeiros prósperos casam com indivíduos de igual ramo de actividade e semelhantes meios de fortuna. Contudo, é frequente o casamento do pequeno tendeiro com uma rapariga da lavoura que, então,

vende o seu dote para aumentar o capital da tenda. Outras vezes, ambos os noivos são agricultores que tentam outra vida, apadrinhados por uma família de fortes alicerces no comércio. Aparentemente, o casamento parece não agradar aos pais da noiva. O desagrado representa mais um choque perante uma atitude de recusa de continuação da parte da filha ou um certo ressentimento de orgulho perante a subestimação do esforço penoso e persistente que foi a sua vida agarrada à terra. É também o sentimento de despedida de um elemento da família que entra num círculo de viver e mentalidade estranhos àqueles que vivem da lavoura e, por isso, tidos tradicionalmente como menos honroso. Contudo, não deixam de manifestar uma certa satisfação na esperança de que aos seus filhos esteja reservada uma vida diferente.

A posição (herdada) de lugar central (Carção) mantém-se porque os almocreves ainda podem subsistir. O comerciante ambulante, de tudo quanto pode (Argozelo), ainda encontra razão para exercer uma função importante entre as aldeias. Ao contrário das anteriores, a actividade tendeira (de Campo de Viboras), na sua forma actual, não é uma herança e afastou-se da região.

Estas aldeias exemplificam aspectos da vida de relação do Nordeste de Trás-os-Montes. Porque, por um lado, pertencem a um conjunto de fluxos de escala reduzida — que ligam aldeias diferenciadas a aldeias homogêneas —, por outro lado, mostram a necessidade de estudar, a uma escala mais vasta, as hierarquias de fluxos e de distâncias até à área de influência e carácter da cidade.

PAULA BORDALO LEMA

## RÉSUMÉ

*Fonctions de quelques villages différenciés dans le Nord-Est de Trás-os-Montes.* Les villages étudiés sont Carção, Argozelo et Campo de Viboras. Ils sont «différenciés» parce qu'ils s'écartent du type commun de la plupart des villages de la région. Ces derniers ont, en général, une structure exclusivement agricole tandis que dans les premiers habite une population commerçante, ce qui montre que leurs fonctions sont distinctes de celles qui sont normales dans les villages

homogènes. D'où la question qui a guidé l'analyse: quelle est la fonction de ces villages? Cette étude particulière doit être située dans le cadre de problèmes plus généraux. Ils sont résumés en trois points dans la première partie de l'article. Le premier aspect est celui de la hiérarchie de l'habitat (fig. 3): il révèle, par exemple, que Carção (simple village) a une dimension très proche de celle de Vimioso (chef-lieu de «concelho»). Le deuxième aspect est celui des conditions d'accès (fig. 4): il montre, par exemple, que Campo de Viboras est plus éloigné (distance-temps) de la ville de Bragança que ne pourrait le laisser penser la carte. Finalement, la synthèse des problèmes agricoles montre le presque total isolement économique, donc social, de la région. Son inclusion dans une économie de marché a eu comme résultat une utilisation inadéquate du sol: c'est le cas de l'extension déraisonnable de la culture du blé à la suite d'une incitation officielle (fig. 5).

La deuxième partie de l'article est consacrée à l'étude de chacun des trois villages. Carção était déjà un centre de redistribution de l'épicerie avant l'implantation de la route et du chemin de fer. Une partie de la population était commerçante: grossistes et colporteurs, c'est-à-dire ceux qui amenaient de Porto la marchandise et ceux qui la vendaient au détail dans les villages de la région. Le moyen de transport utilisé était soit la charette tirée par des mulets pour les grosses charges, soit le mulet pour la vente ambulante au détail. Ce sont les conditions régionales de transport qui ont favorisé le commerce de gros de Carção. Les maisons de la Place dont le style urbain surprend aujourd'hui, témoignent de l'ancienne importance de cette activité. La transformation des moyens de transport (apparition du chemin de fer et de la route) a modifié les conditions d'accès et d'autres localisations sont alors devenues plus favorables à la fonction de lieu central. L'activité du commerce de gros est la plus sensible à cette modification. Aujourd'hui une demi-douzaine de grossistes seulement demeurent dans le village. Les «azeiteiros» (détaillants d'huile d'olive et d'autres articles d'épicerie) survivent, mais l'aire de vente se réduit. La population commerçante — grossistes et colporteurs ou «azeiteiros» — constituait le groupe des «juifs». Aujourd'hui le sens local de cette dénomination n'est plus que socio-économique. C'est en ce sens que nous l'avons utilisé.

Dans le village d'Argozelo, l'industrie traditionnelle de la tannerie n'a pas survécu à la concurrence. Cependant, le commerce des peaux s'est maintenu, bien que quelques modifications se soient produites: les peaussiers s'absentaient périodiquement pour acheter des peaux dans les autres villages du district; les transports s'améliorant, une réduction du temps de parcours s'imposa et les colporteurs se dispersèrent dans plusieurs villages du district où ils résident depuis lors. Le grossiste les visite périodiquement pour charger sa camionnette de peaux qu'il envoie aux centres industriels de tannerie.

Dans le troisième village, Campo de Viboras, une partie de la population engagée dans le commerce des toiles fréquentait les foires du «district». De nos jours, ils utilisent l'automobile pour se rendre rapidement à la ville; ils font leur commerce de porte en porte. Leurs

marchandises sont variées: des draps, des nappes de dentelle et des broderies de l'île de Madère. Ils ne travaillent plus les champs et ne viennent au village que pour y passer les vacances.

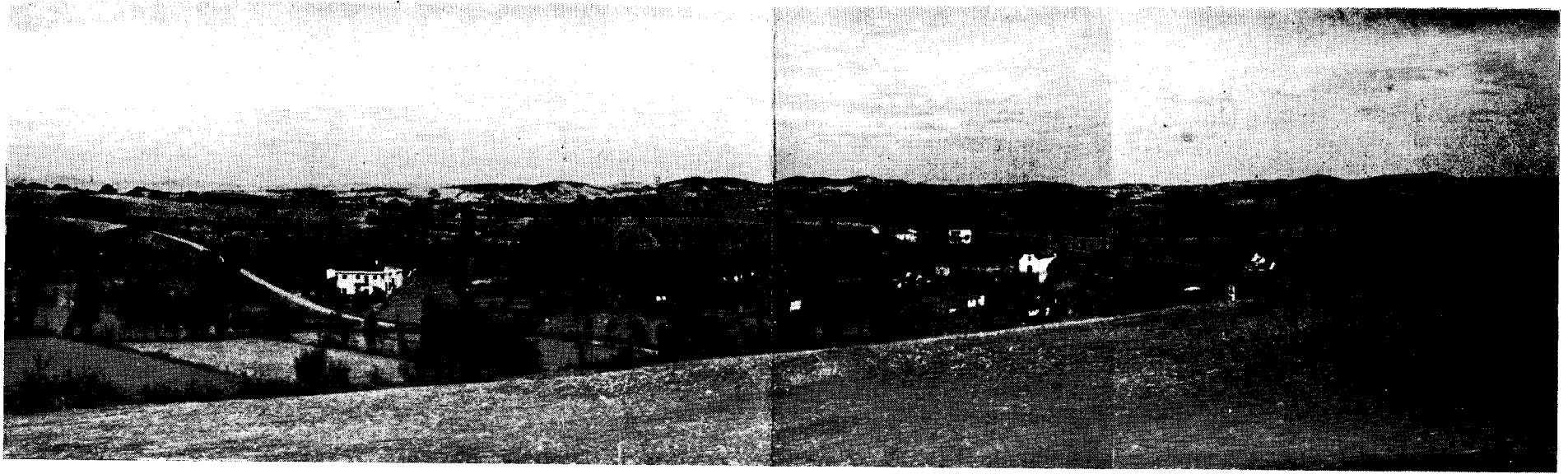
La fonction des villages de Carção et Argozelo n'est plus qu'un héritage. Dans les trois villages, les commerçants et les agriculteurs habitaient des quartiers distincts qui, à Carção et à Argozelo, n'ont pas dépassé les limites atteintes à l'époque de la prospérité. Par contre, à Campo de Vóboras, le vieux quartier des marchands de tissus a été abandonné et un autre quartier moderne a surgi dont les maisons de type urbain ont été bâties au cours des dernières décennies. Carção avait des relations étroites avec sa région. La «place» est encore aujourd'hui un «centre commercial» quoique d'attraction réduite et sa signification ne dépasse pas le cadre du village. C'est le quartier recherché par ceux qui sont aujourd'hui en ascension économique: les émigrés. Les relations de Campo de Vóboras avec la région ont toujours été faibles et sont aujourd'hui presque inexistantes.

#### SUMMARY

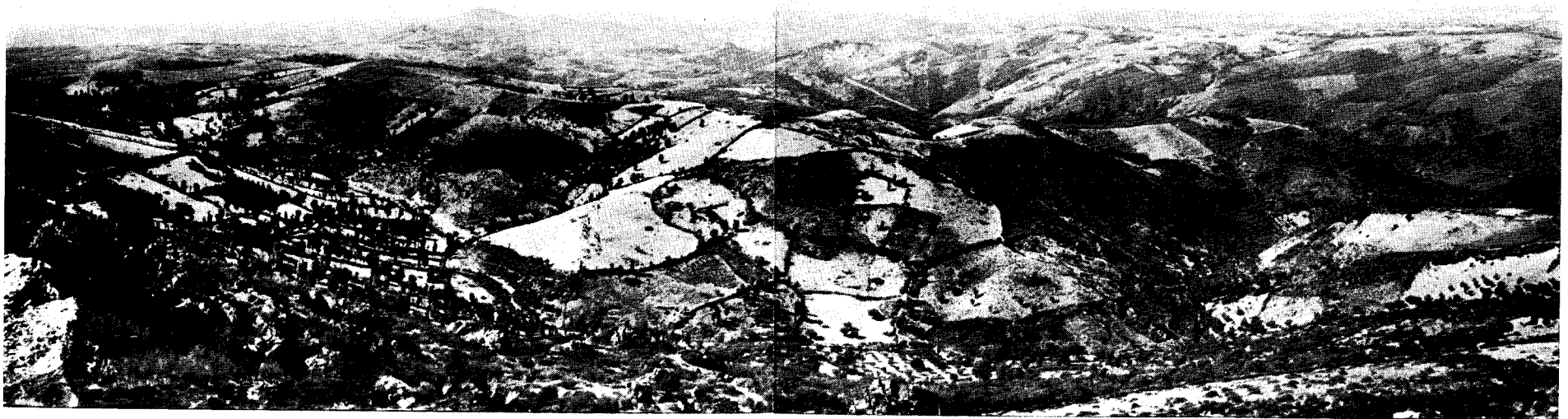
*Functions of some villages whose structure is diversified as opposed to the normal villages in the northeast of Trás-os-Montes.* The villages studied are Carção, Argozelo and Campo de Vóboras. They deviate from the type common to the majority of villages in that region. These, as a rule, are of an exclusively agricultural structure, whilst the former possess a commercial population and have functions which are different from those usually found in the normal villages of that area. Thus the question which dictated the analysis work was: what is the function of these villages in the region? The subject had to be placed in the context of more general problems. These are summarized in the first part of the article, in three items. The first is that of the hierarchy of the population (fig. 3). For example, it reveals that the size of Carção (a village) is very close to that of Vimioso («villa» and seat of «concelho»). The second item refers to accessibility (fig. 4). For example, it demonstrates that Campo de Vóboras is further (distance/time) from the city of Bragança than the map would suggest. Finally, the summary of the problems regarding agriculture draws our attention to the virtual economic, and therefore, social isolation of the region. When the rural area was included in a market economy, the result was an inadequate land usage. Such is the case of the exaggerated wheat farming provoked by official encouragement.

In the second part of the article, a study is made of each of the three villages. Carção was already a centre of redistribution (groceries) prior to the advent of the roads and railway. One area of the population was commercial; the wholesalers and hawkers, in other words, those who brought merchandise from Porto and those who sold them at a retail price in the villages of the region. The means of transport employed was the cart drawn by mules for heavy





EST. I, A — Vista geral de Carção; suaves ondulações do interflúvio Mação-Sabor.



EST. I, B — Campo de Víboras; o relevo é um factor importante da organização do espaço do termo da aldeia.



EST. II, A — Área de produtos horticolas pegada à aldeia de Carção.



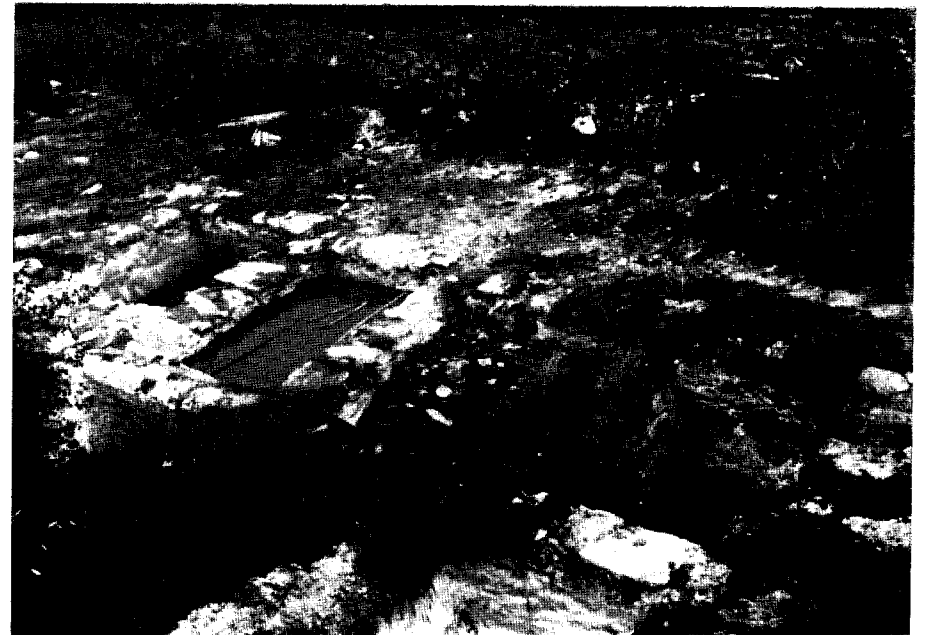
EST. II, B — Carção: a Praça, centro comercial para uma área vasta e simbolo na aldeia da importância do grupo dos judeus.



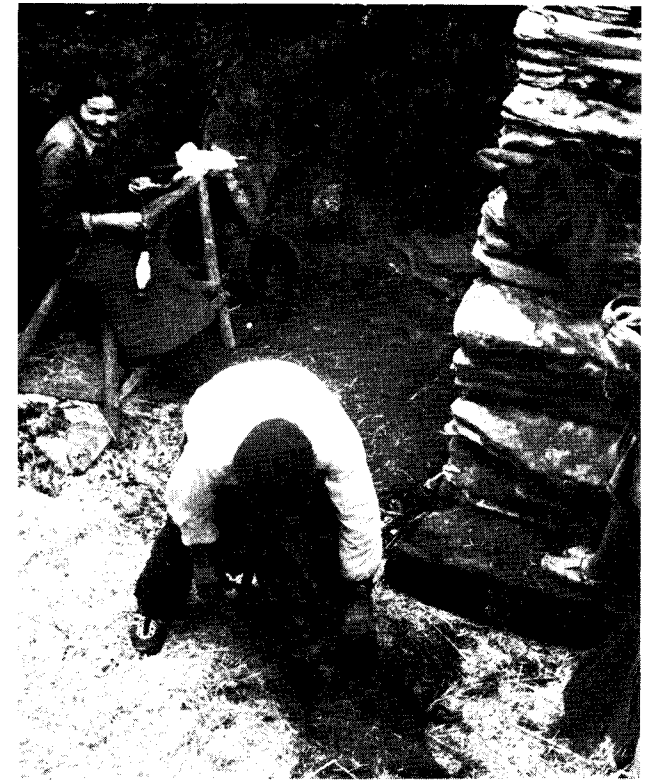
EST. III, A, B -- Carção: aspectos do Bairro de Cima,  
bairro de agricultores.



EST. IV, A Azeiteiro de Carção percorrendo a rua principal de Argoselo, a estrada de Bragança.



EST. IV, B Argoselo: tinhas de curtimenta.



EST. V, A -- Surrador  
de Argozelo.



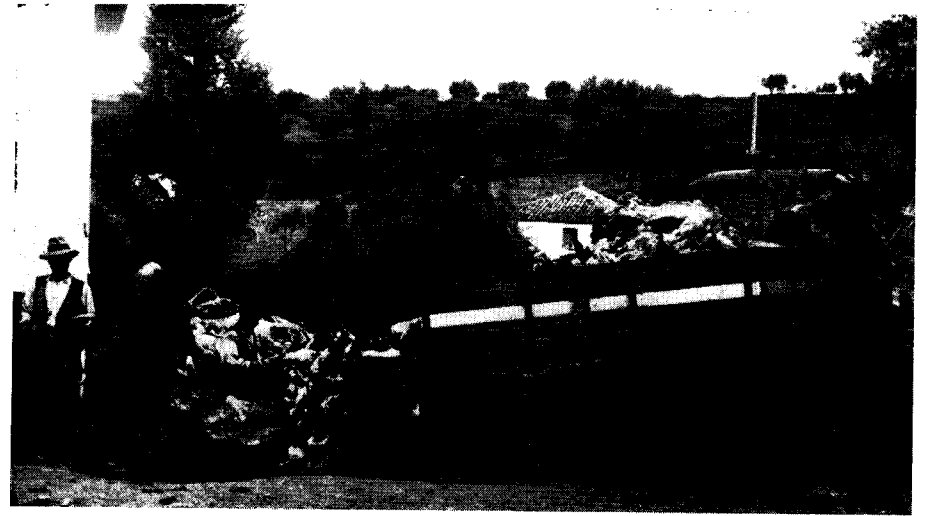
EST. V, B Argozelo:  
casa de peliqueiro.



EST. VI, A - -Argozelo: Bairro de Baixo.



EST. VI, B--Imagem familiar nas aldeias do Nordeste.



EST. VII, A — Grossista de peles reúne a sua mercadoria em Argozelo.



EST. VII, B — A camioneta já carregada pára em Braganca antes de seguir para o Porto.





EST. VIII, A — Campo de Vitoras: aspecto de uma rua em Marçó;  
casas de tendeiros desertas.



EST. VIII, B — Campo de Vitoras, em Agosto: os tendeiros vieram a casa.

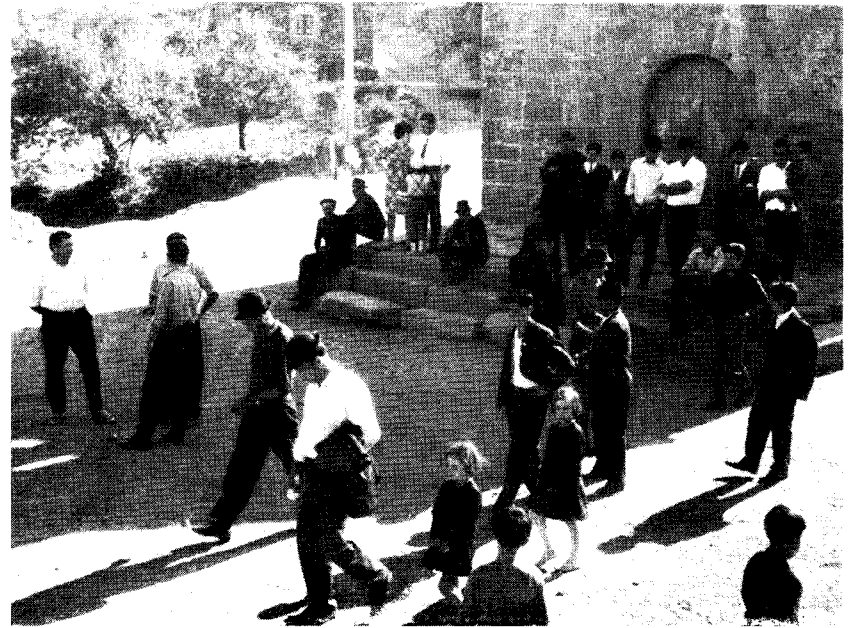




EST. IX, A - Campo de Viboras: velho bairro de tendeiros  
hoje abandonado.



EST. IX, B - Campo de Viboras: casa de lavrador.



EST. X, A — Os tendeiros vieram passar as férias a Campo de Víboras.



EST. X, B - - Entretanto, a vida de lavoura em Campo de Víboras continua.

loads and the mule itself for mobile retail trade. These were the conditions regarding transport which favoured the wholesale trade of Carção. The houses in the Praça (central square of Carção) whose urban style surprises us today, confirm the former importance of this activity. With changes in forms of transport—the railway and road—conditions of accessibility are modified. That is to say, other locations are better suited to the function of central places. The wholesale trade is more affected by the change. Today, only half a dozen wholesalers have remained in the village; the hawkers («azeiteiros») continue to survive; the area of customers of Carção is declining. The commercial population—the wholesalers and hawkers («azeiteiros»)---represented the «Jews». The population ascribed to this group a socio-economic significance rather than an ethnic one. This was also the significance that interested us.

In the village of Argozelo, a traditional tanning industry could not stand the competition and declined. The trade in hides which supplied this industry was maintained. But not without changes; periodically, the leather dealers left the village to go and buy hides in the villages of the «distrito»; with the improvement in means of transport, there arose the need to reduce distances, that is to say, the time spent covering them, and those ambulant traders spread to several villages in the «distrito» where they took up residence. From time to time the wholesaler visit them to fill his delivery trucks which he sends to industrial tanning centres.

In Campo de Vóboras, the third village, one area of the population used to go to the rural markets of the «distrito» to sell cloths. The present traders use a car, thus travelling quickly between towns and cities about the country. They do business from door to door, selling products such as sheets and embroidered lace tablecloths from Madeira; they have given up working on the land completely and only come to the village to spend the holidays there.

The function of the villages of Carção and Argozelo were inherited. Their present form is due to an adaptation. In the three villages, tradesmen and landworkers lived in different quarters which, in Carção and Argozelo, have not extended beyond the limits reached during the period of prosperity. Whereas, in Campo de Vóboras, the old hawkers' quarter was abandoned and another modern one consisting of urban-type houses was built in the last decades. This fact does not point to heredity but rather to modernity.

Carção had close ties with the region. Even today, the «Praça» is the «commercial centre», although the sphere of attraction has been reduced, and has a clearly defined significance in the village. It is the quarter coveted by those who, today, are rising in the economic scale: the emigrants. Campo de Vóboras had very slender ties with the region. Today, they are virtually non-existent.